

# Editorial

Com grande satisfação, o nosso Instituto coloca à disposição de seus sócios e de quantos queiram encontrar assuntos de seus interesses, relativos à História Militar em textos de autores confiáveis, sem a mácula do revisionismo histórico.

Editar a Revista do Instituto de Geografia e História Militar deve ser – e é – um dos principais objetivos desta atual Diretoria, pois ela representa um esforço pela preservação da nossa memória, atualmente um tanto esmaecida.

No decurso deste Ano Sociocultural, foram realizadas vinte e duas sessões semanais e cinco reuniões do nosso Núcleo de Estudos e Pesquisa de História Militar bem como atendidas solicitações de cooperação de vários estabelecimentos de ensino do Exército Brasileiro.

O grande propósito do Instituto, conforme as palavras proferidas pelo seu Presidente em seu mo-

mento de posse é o empenho em resgatar a verdade histórica, contrapondo-se ao revisionismo que campeia nas salas de aula, nas publicações, nos seminários e nos painéis, por esse Brasil a fora. O dito revisionismo histórico, em expansão acentuada, procura enxergar os fatos sob diferente ótica e, se pos-

sível com dados novos, reformulá-los, reinterpretá-los ou rerepresentá-los, enfatizando mudanças de cunho eminentemente ideológico que, por certo, vão afetar e o entendimento dos acontecimentos históricos, dis-

torcendo-os da forma que bem entendem e convém aos seus desígnios, abalando profundamente a base do saber armazenado por gerações.

A contínua revisão da História é louvável e necessária, desde que no bojo da constante busca da verdade histórica.



“Verdade histórica” é uma afirmação com a qual se deve ter muito cuidado, diante de tantas outras verdades ela também pode vir a ser relativa uma vez que não se tenha a certeza com bases nas pesquisas em fontes de credibilidade. A verdade de hoje pode não vir a ser a de amanhã, em face do aparecimento de novas fontes, que, por ventura, a derrubem.

As novas fontes ou favorecem o aparecimento de fatos novos que permitem novas avaliações e conclusões sobre eles ou apenas complementam as verdades já consolidadas para o que não basta o crivo de um pesquisador experiente impõe-se é o equilíbrio de um analista ético, competente e desapaixonado, a fim de que as novas constatações venham a ser avaliadas e mesmo confirmadas – não só a questão ética estará em jogo, mas também a auto-imagem nacional.

Encontradas novas fontes, novas provas de algum episódio histórico, ainda que polêmicas devem ser divulgadas e utilizados nos estudos e análises.

A História Militar é um ramo relevante da História de uma nação, como o é da História Universal, que se entrelaça com História pátria, a todo o momento, tornando-se difícil isolá-la.

A História Militar do Brasil tem

papel fundamental na formação e na manutenção da consciência dos militares. Se as Forças Armadas são alvos prioritários de novos detratores, imperioso se faz desgastar-lhe imagem diante da população uma vez que continuam sendo um dos pilares da Nação. Isso poderá ser conseguido com a diminuição gradual da sua capacitação profissional e com o desvalimento do orgulho de classe.

A História Militar do Brasil é um campo propício ao assalto cultural e político, dentro da doutrina “gramsciana”, em plena expansão no País, e quase sem barreiras. Apesar da postura que nos conduz ao culto dos grandes feitos e dos grandes homens, do general ao soldado, constituindo uma corrente, com elos de tradições firmes com base em nossos direitos e deveres, de valores e de virtudes, para que se mantenham a hierarquia e disciplina a doutrina aludida busca solapar o cerne dos feitos patrióticos consagrados na memória nacional.

Estamos em meio à ocorrência de um projeto de revisionismo histórico em nossa História. Não é um projeto inocente ou patriótico, mas ideológico e radical. São pessoas atuantes formadoras de opinião, professores, historiadores, jornalistas, editores e “homens



de cultura” que procuram atingir alvos compensadores: os professores, os estudantes e os jovens, que de certa maneira são mais vulneráveis a esses ataques.

O revisionismo tem-se detido em determinados temas, da nossa História – uns mais importantes outros mais limitados. Questiona-se a traição de Calabar, a Guerra da Tríplice Aliança, a figura de Caxias; mostra o Paraguai como vítima indefesa, atacado por imposição da Inglaterra. Segundo esse discurso teríamos, nós, aniquilado um país progressista, em uma guerra que nos levou a um grande sacrifício material e humano; os atos de bravura e nossas lideranças militares têm sido mostrados como vergonha nacional. Não se reconhece nenhuma glória para nós – mas se reconhece para os nossos adversários imolados pelo “genocídio” do seu povo. Eis uma campanha grosseira, mentirosa e infame em que se podem sentir as farpas direcionadas às Forças Armadas e aos militares, com a intenção de machucar, baixar o moral, cindir a emoção solidária e desgastar o prestígio vigente junto à população nacional. Procura-se desmerecer a atuação da Força Expedicionária Brasileira, nos campos de batalha da Itália, durante a 2ª Guerra Mundial; desqualificar seus comandan-

tes, agravar deficiências, orquestrar fracassos, insinuar fraquezas no soldado brasileiro, ao invés de exaltar nossas vitórias, conquistadas na superação conseguida sobre as próprias vicissitudes.

São apresentados ao povo como “heróis”, Zumbi, Calabar, Lampião, Adeodato e outros mais, personagens da nossa História, mas que, longe estão de poderem vir a ser relacionados como heróis nacionais vêm sendo apresentados como tais.

No andamento desse processo revisionista, repetidas “verdades” históricas vão sendo repetidas divulgadas, e vezes tantas, que vão sendo registradas como fontes primárias, ou de consolidação da história oral de povo. Vão ganhando força de verdade, manchando definitivamente a História do Brasil, perdendo-se as referências morais e éticas da Nação, aviltando-se o passado e comprometendo-se a brasilidade e o futuro do País.

Cabe aos historiadores, aos professores e aos meios de comunicação, comprometidos com a verdade ética, darem tudo de si para impedir a dilapidação da nossa História.

Por certo, o Instituto de Geografia e História Militar do Brasil de se manter firme na vanguarda da pesquisa histórica, em defesa da verdadeira memória de nossa Pátria.